

M/F.182
Raro

PADRE RAIMUNDO NONATO PINHEIRO
(da Academia Amazonense de Letras)

Panorama Intelectual do Amazonas



1954

Obras do mesmo autor:

"DOM JOSÉ PEREIRA ALVES" (Editora VOZES, Petrópolis, 1954)

A publicar:

"Discursos e Conferências"

"Sermões e Panegíricos"

"Bronzes da Ave Maria"

"Orações Acadêmicas"

"Elevações Bíblicas"

"Páginas Literárias"

"Páginas de Imprensa"

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE
Reg. e lit. 13
sob o n.º 10.201
Em 2 / 11 / 1950

Do cintilante talento do acadêmico
Gencrino Braga, brasão fulgente
do beletismo baré, com fraternal
estima.

Manaus, 14/11/1954.

P. Nonato.

Conferência proferida em sessão solene da
Federação das Academias de Letras do Brasil, no
Rio de Janeiro, no dia 10 de Abril de 1954.

Publicação patrocinada pela Academia Amazonense de Letras

Pela terceira vez transponho o limiar dêste augusto cenáculo cultural — a Federação das Academias de Letras do Brasil, que se me afigura o órgão vital, o coração que faz circular pelo organismo da Pátria o sangue de cultura nacional.

Da primeira vez, cheguei para assistir à brilhante comemoração do Centenário da Província do Paraná, que a Federação levou a efeito, brindando-nos com uma régia sessão de gala, sob a alta presidência do Desembargador Florêncio de Abreu, presidência que agora se renova e que, só por só, outorga a êste sarau de letras um peculiar cunho de distinção e nobreza. A seleta assistência, naquela altura dos festejos centenários, ouvia a palavra culta e fidalga de Raul de Azevedo, focalizando "O Paraná intelectual do meu tempo", e fazendo desenrolar aos olhos embevecidos dos ouvintes a película multicolorida da literatura paranaense, assim na prosa como no verso. E vimos transitar, na palavra fluente do orador, o carro de triunfos dos escritores e vates da fidalga terra das araucárias.

Da segunda, outros sentimentos para aqui me acompanharam. Ao lado do confrade Mendonça de Souza, vínhamos ambos receber uma coroa de flôres para a Academia Amazonense de Letras. Éramos recebidos como membros daquele Silogeu longínquo, cuja distância não impede que aqui cheguem as fulgurações dos seus "mortais", como longe se fazem sentir as cintilações das estrêlas. E de novo reboea a palavra amiga de Raul de Azevedo, saudando os embaixadores da Acrópole Literária do Amazonas.

Em breve trecho de tempo, pela terceira vez aqui me encontro, sempre com a mesma sensação de encantamento, pelo contacto com os acadêmicos da Federação, cujas inteligências cheias de sóis vivem num permanente esbanjamento de luzes, através dos maravilhosos vitrais das belas letras.

Sinto, porém, que maior e mais alta responsabilidade me reveste neste momento, de vez que não venho como simples assistente de uma sessão solene, nem como instrumento para um intercâmbio de mensagens amistosas entre o Pritaneu Amazonense e a Federação das Academias, mas temerariamente assumo a espinhosa missão de embaixador da cultura amazonense, temeridade tanto maior quanto mais vasta se me antolha a amplitude do tema — "Panorama intelectual do Amazonas".

Visão intelectual estaria melhor em vez de panorama, visto como representa êste uma visão do conjunto, ou seja, uma visão total. E sabeis dos riscos a que se arriscam os que tratam assuntos mediante considerações globais. Há o perigo evidente das omissões involuntárias que, nem pelo fato de o serem, deixam de vulnerar suscetibilidades. Entretanto, de entrada devo esclarecer que nos limites necessariamente reduzidos de uma conferência, não me é possível pôr em relêvo todos os vultos da intelectualidade atual do Amazonas, mesmo porque impende reconhecer em tôda a parte a existência de culturas esquivas, de talentos ocultos pela excessiva modéstia, cuja coruscação, à semelhança de certos astros, só se torna plausível através do telescópio de uma acuradíssima observação. De feição que permanece o mesmo perigo das omissões.

Como proceder diante da dificuldade que se levanta logo no peristilo de minha palestra? Farei o que faz a Igreja com relação aos Santos. Desejosa de prestar o culto de veneração aos heróis do Cristianismo, a Santa Igreja multiplica as festas litúrgicas dos seus

santos, durante o Ano Cristão. Mas antolha-se-lhe idêntica dificuldade: o perigo das omissões. Ela sabe que muitos Santos fulguram na Glória Eterna, cujos nomes não constam nos Anais Agiológicos. E a solução não tardou, bela e admirável. No dia 1º de Novembro fixou a festa de todos os Santos. E na Liturgia dessa solenidade anual a Igreja tributa louvores coletivos à universalidade dos espíritos bem-aventurados que povoam a Mansão Celeste.

De início, pois, declaro que outras figuras existem no Amazonas intelectual que não constarão deste ligeiro panorama, seja porque se afastaram das lides culturais, seja porque preferem o silêncio inviolável do seu recolhimento, quais lâmpadas solitárias diante do altar da sabedoria. E, porque assim o seja, já se vê que melhor quadra a nomenclatura de visão intelectual do Amazonas, pois a visão é suscetível de gradação, enquanto que o panorama é sempre uma visão total.

Seja como fôr, minha condição de acadêmico permitirá uma certa visão menos parcial do cenário, sabido que o observador, quanto mais se eleva, tanto mais se lhe dilata o círculo visual. Do cimo de uma montanha alcantilada, amplia-se a visão. E tãda Academia é sempre um alcantil, uma elevação que se impõe soberana, como o Partenon de Atenas, a aurifulgir majestoso sôbre a acrópole!

Falando sôbre a intelectualidade do Amazonas, é evidente que me devo circunscrever ao Amazonas do meu tempo, ao Amazonas contemporâneo, ao Amazonas dos meus trinta e dois anos de idade.

UM LUMINOSO PONTO DE REFERÊNCIA

Meus senhores: É comum aos que chegam a uma cidade desconhecida, escolher determinados pontos de referência — uma igreja, uma praça, um edifício suntuoso, um monumento — que permitam e facilitem

um conhecimento paulatino do lugar. Para mim, nesta empolgante cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, um dos pontos de referência que logo se me insinuaram, foi o Hotel Avenida, não sei se pela própria situação, ou se pela viva côr de suas paredes vetustas.

Quando os meus olhos se abriram para a visão da cidade cultural do Amazonas, logo se me deparou um luminoso ponto de referência: Adriano Augusto de Araujo Jorge, o inesquecível Adrieno Jorge, astro que desapareceu no poente do túmulo, mas deixou na sua passagem, à semelhança do Leviatã da Bíblia, um clarão inapagável: "post eum lucebit semita" . . .

Chegara jovem ao Amazonas, vindo de Alagoas, na plenitude exuberante de sua mocidade. Trazia consigo duas châmas crepitantes: a châma da caridade e a châma do talento. Médico dos mais conceituados, seu consultório era o pavilhão onde se abrigava a pobreza de Manaus, à procura do restabelecimento da saúde, ou pelo menos de um alívio para os padecimentos físicos. Desprendido como poucos, jamais se preocupara com a possibilidade de se tornar abastado. Contentava-se com a mediania de uma mesa frugal. E quando veio a falecer, fizeram os amigos caridosa coleta em favor da viúva, sem um centil para as despesas do dia seguinte . . .

Grande como o coração era o cérebro portentoso, enriquecido de sólidos conhecimentos tanto nas ciências como nas artes, primando no cultivo da oratória e das belas letras.

Pontificando na ciência de Galeno e Hipócrates, a Arte mantinha para êle uma irresistível atração, em qualquer de suas múltiplas manifestações. Penetrava, soberano, nos arcanos da escultura, da pintura, da música, das belas artes, numa palavra; não na condição de um profissional, mas no sentido de que captava, em tôdo a sua plenitude, a intuição do artista, a men-

sagem luminosa e estética do pensamento criador. Entre os seus compositores, Beethoven era o primaz, o sumo pontífice de uma majestosa catedral de musicalidade. Extasiavam-no as sinfonias de Beethoven, e discorria sôbre elas com excepcional mestria.

Adriano Jorge primou, porém, e sobretudo, como orador e escritor. Na qualidade insigne de presidente da Academia Amazonense de Letras, ficaram famosas suas palavras de abertura e encerramento das sessões solenes. Em dado momento surgia o minuto psicológico para o auditório: Adriano ia falar. Iluminava-se-lhe a fisionomia, como por encanto. E a inteligência, grávida de iluminuras e refulgências, tinha sempre um parto luminoso...

Tratava-se, um dia, de uma homenagem por motivo do seu natalício, na sede da Ação Católica. Fôra eu o orador incumbido da saudação. Ao responder, comovido, àquêle seducente preito de amizade do Clero e da Família católica de Manaus, lembro-me de que encerrara com êstes termos, que reproduzo na sua substância: "Meus amigos: Um dia em que viajava no bojo de um avião, fui surpreendido agradavelmente por uma visão que me maravilhou profundamente. É que a aeronave sobrevoava um lindo arco-iris. . . E eu sentia a comoção espiritual de ver-me tão elevado, a ponto de ter um arco-iris sob os meus pés. . ." E logo concluía, sempre feliz: "Meus amigos: eu sinto aquela comoção renovada. Nesta hora de elevação espiritual, percebo minha alma nas alturas, sobrevoando o arco-iris mimoso dos vossos corações. . ."

Noutra conjuntura, muito mais grave e muito mais solene, Adriano produziu, a meu vêr, a sua imagem mais fulgurante. Manaus era teatro de culminantes festas religiosas, com a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, em 1942. Naquela altura de sua vida, o inclito homem de letras havia encontrado o seu caminho de Damasco. Sim: porque Adriano

era indiferente em matéria religiosa. Não somente: mas chegara ao extremo de certa hostilidade, embora benigna, à Igreja de Cristo. Converteu-se, porém. Como Saulo de Tarso, recebeu também o seu jorro de claridade deslumbrante e caiu do cavalo. . . E, saudando o então Núncio Apostólico, e hoje Cardeal Bento Aloisi Masella, em plena hora solar do Congresso Eucarístico, refere-se à árvore frondosa de sua ciência negativista e atea, para concluir maravilhosamente com este lanço que, só por só, acusa a finíssima estirpe da sua heráldica mental:

"Um dia investi sem piedade contra a árvore frondosa da minha vaidade científica e literária. E podei-a, e desgalhei-a, e decepei-a, e mutilei-a, até que ficou reduzida — e só então majestosa e imponente — a um tronco e dois braços. . ."

Numa tarde tristonha e chuvosa de Novembro, baixava ao túmulo o corpo daquele gigante, movimentando-se ingente mole humana em direção do cemitério de São João Batista. Sucedem-se os oradores à beira da campa. Falei em nome do Clero, com licença especial da Autoridade Eclesiástica. E ao assistir à grandeza singular daquele enterramento, só me vinha à mente aquele pensamento de Ruy aplicado já a vários homens notáveis do Brasil, que se vai tornando um como lugar comum, mas nem por isso perde da sua beleza e da sua profundidade: Morto, parece maior do que vivo! . . .

Foi o meu luminoso ponto de referência. Pouco depois, estava eu eleito membro da Academia Amazônica de Letras, mas já em plena e terceira presidência, a do preexcelso escritor Péricles Moraes, de quem agora me passo a ocupar, e que sabeis tratar-se da figura primacial, do *primus inter pares* do hodierno panorama intelectual do Amazonas.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**